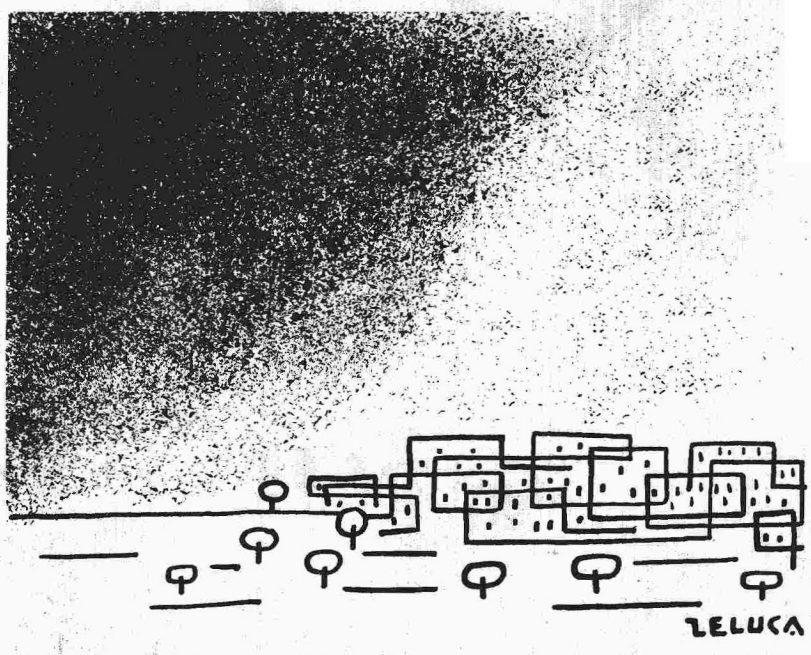
DF deve sofrer mais os efeitos da recessão

Hugo Marques



Os efeitos da recessão causada pelo Plano Collor trazem perspectivas bem mais sombrias para Brasília do que para qualquer outra cidade brasileira. Com uma estrutura econômica sustentada principalmente pela massa salarial do funcionalismo público, o Distrito Federal deverá fechar o ano com queda brusca nos indicadores sócio-econômicos. As principais lideranças empresariais acreditam que a crise vá piorar nos próximos meses. Os economistas mais respeitados do DF dizem que o Plano Collor está fazendo "o contrário" do que deveria ser feito.

O estrangulamento na estrutura econômica da cidade começou a partir de julho, quando mais de 20 mil pessoas procuraram receber o seguro-desemprego, superando o número de pessoas que procuraram este benefício nos primeiros oito meses do ano passado (15 mil). De agosto a outubro, foram protestados, em média, 4.748 títulos por mês, que fica 181% acima da média registrada entre janeiro e julho (1.686 por mês).

A massa salarial da cidade é composta em 65% pelo salário do funcionalismo público, que este ano só recebeu um adiantamento de 30%. Além destes agravantes "naturais", decorrentes do plano, grande parte destes recursos, que sustentam comércio e indústria locais, irá agora ser direcionada para o próprio governo "via pagamento dos apartamentos funcionais", conforme lembra o presidente da Associação Comercial do DF, Nuri Andraus Gassani. As perspectivas para a cidade são "mais sombrias", diz ele.

Credibilidade

A venda dos funcionais acaba desestabilizando outros setores, diz Nuri Andraus. A construção civil deve demitir até 1° de janeiro seis mil pessoas. "Perdemos seis meses e com um agravante: a população não confia mais em quase nada. Credibilidade não aparece na inflação, mas pesa muito", diz. O presidente da Federação das Indústrias de Brasília, Antônio Fábio Ribeiro, acredita que a crise piore em Brasília no início do próximo ano.

"É que vai haver desemprego também na iniciativa privada", diz Antônio Fábio. Além de um aumento considerável no número de falências, ele prevê que ninguém investirá em produção, já que os juros são altos. "Os custos financeiros estão na estratosfera e não há como tirar mais nos preços".

Camicase

O economista Dércio Garcia Munhoz diz que fevereiro "vai desnudar o verdadeiro quadro da economia", quando não haverá mais "desculpas de fim de ano" que não deixem às claras os estragos do Plano Collor, que ele considera "uma política camicase, suicida. Um caminho para destruir as coisas'. Neste ponto, existe consenso entre as posições de Dercio Munhoz e Lauro Campos, ambos da Universidade de Brasília, de que o plano está fazendo "o contrário" do que deveria ter feito, que é aumentar a demanda e os salários. "Não há estabilização sem juros menores, alongamento dos prazos de contratos e recomposição salarial", diz Munhoz.

"O grande problema do capitalismo é a insuficiência de demanda. Teria de se ampliar a capacidade de consumo via redistribuição de renda", diz Lauro Campos. O supervisor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Cássio Calvete, lembra que o Brasil conseguiu sair da crise da década de 80 via aumento das exportações e ganhos salariais. A inflação, lembra ele, é causada por um conflito distributivo da renda e a recessão acaba aumentando a pressão inflacionária, pois diminui a renda.